

Biografia e ciências humanas em Wilhelm Dilthey

Biography and human sciences in Wilhelm Dilthey

Alexandre de Sá Avelar

alexandre.avelar@uol.com.br

Professor adjunto

Universidade Federal de Uberlândia

Avenida João Naves de Ávila, 2121 – Santa Mônica

38400-902 – Uberlândia – MG

Brasil

Resumo

Em finais do século XX, a biografia retomou seu lugar de prestígio nas reflexões dos historiadores, superando a desconfiança que lhe fora imputada pelo marxismo e pela historiografia dos *Annales*. Atualmente, é bastante expressiva a proliferação de estudos sobre trajetórias individuais, sejam elas de homens ilustres ou comuns. Por outro lado, várias das problemáticas do gênero já foram enfrentadas pela historiografia do século XIX. O objetivo deste artigo será de recuperar as importantes formulações de Wilhelm Dilthey sobre a biografia. Com esta proposta, pretende-se demonstrar como o filósofo alemão enfrentou, em seu tempo, questões cruciais, tais como a subjetividade do biógrafo, os limites da representação narrativa da vida de um indivíduo e a oposição entre liberdade e determinismo.

Palavras-chave

Biografia; Wilhelm Dilthey; História.

129

Abstract

By the late twentieth century, the biography-genre recovered its place of prestige in the reflections of historians, overcoming the distrust that had been imputed by Marxism and the historiography of the *Annales*. Nowadays, the proliferation of the studies on individual trajectories, whether of common or illustrious men, is a quite expressive phenomenon. On the other hand, several gender issues have already been faced by the nineteenth-century historiography. The aim of this paper is to recover the important formulations of Wilhelm Dilthey on biography. With this proposal, we intend to demonstrate how the German philosopher faced, in his time, crucial questions for biographical writing, such as the subjectivity of the biographer, the limits of narrative representation regarding an individual's life, and the opposition between freedom and determinism.

Keywords

Biography; Wilhelm Dilthey; History.

Enviado em: 27/12/2011

Aprovado em: 17/6/2012

Toda vida pode ser descrita, tanto a pequena quanto a poderosa, tanto a vida cotidiana quanto a extraordinária (DILTHEY 2010).

A biografia está em voga. Poucos analistas ou historiadores lançam dúvidas a respeito da sua legitimidade historiográfica, ademais lastreada por inegável sucesso editorial. As publicações acadêmicas, ainda que sob um ritmo mais lento, também acompanham a ampliação do interesse pelos estudos biográficos. A crise dos modelos globalizantes de explicação histórica está na origem da maior abertura em direção às estratégias individuais e à valorização de personagens e homens comuns. Mesmo que se admita que “escrever a vida é um horizonte inacessível” (DOSSE 2010, p. 11), as narrativas em torno de um indivíduo continuam desafiando todas as gerações, que buscam respostas para a inescapável necessidade de compreender o outro.

Para Marcel Schwob, num escrito de 1896, a biografia não pode ser nada além de arte, pois só o procedimento artístico descreve o individual contra as ideias gerais (SCHWOB 1997, p. 11). Não haveria, dentro dessa chave de leitura, sentido em qualificar como “paralelas” as vidas estudadas por Plutarco, pois os homens descritos em seus detalhes revelam não sua semelhança, mas suas singularidades e diferenças. Ao biógrafo não cabe ser propriamente verdadeiro. Ele deve ser o criador de traços humanos em meio ao caos dos acontecimentos. Entre memórias, crônicas, correspondências e escólios, “o biógrafo faz a triagem com a qual compõe uma forma que não se assemelha a nenhuma outra” (SCHWOB 1997, p. 23). Esta tarefa pensava Schwob, não estava ao alcance dos historiadores, preocupados que estavam com os grandes personagens e seus atos heroicos. A arte desconhece essa mania de grandeza. Para ela, o retrato de um indivíduo medíocre – por isso mesmo capaz de revelar o diferente – tem tanto valor quanto a vida de um homem laureado pela glória.

A todos razoavelmente familiarizados com os debates historiográficos contemporâneos sobre a biografia, as observações de Schwob soam claramente datadas. Uma das incorporações mais notáveis aos trabalhos biográficos recentes situa-se justamente na ampliação dos personagens enfocados, com aberturas cada vez mais significativas em direção aos indivíduos comuns, aqueles aparentemente destituídos de interesse. Por outro lado, interessam-nos, em particular, as considerações de Schwob a respeito da biografia como uma escrita da diferença. A narrativa da individualidade constituiu, no século XIX, ponto nevrálgico no debate em torno da edificação das ciências humanas e da história como campos autônomos do conhecimento. Dentre os autores desse século, Dilthey se destacou entre os que se dedicaram a refletir sobre o lugar da biografia como possibilidade de compreensão da história.

A biografia na ciência histórica do século XIX

O século XIX assistiu à edificação da história como campo científico. Mesmo que possamos admitir que o século XVIII tenha produzido a conquista do mundo histórico, foi ao longo dos Oitocentos que a história atingiu o estatuto epistemológico de uma ciência a partir da sistematização dos seus

procedimentos metódicos e da definição institucional dos seus “lugares de fala” (CERTEAU 1982). Reconhece-se, desde então, o pensamento historicista como aquele que toma o passado como uma individualidade distinta, percebido em um duplo aspecto: sua caracterização como um recorte temporal que só pode ser estudado dentro dos seus próprios valores e a consideração de que a história é forjada por indivíduos historicamente localizáveis. Para Meinecke, o “cerne do historicismo consiste na substituição de uma consideração generalizante dos fatores histórico-humanos por uma consideração individualizante” (*apud* MARTINS 2008, p. 18). A formatação da história como ciência deveria, portanto, ultrapassar as filosofias da história iluministas – e sua pretensão de abarcar o devir humano em esquemas interpretativos gerais – em prol de posições que tomem em conta a relatividade dos fenômenos históricos.¹ Essa crítica às Luzes consolidou-se na escola história alemã com os trabalhos de W. Von Humboldt, Leopold Von Ranke e Gustav Droysen, correspondendo à “transformação da história em disciplina de profissionais especialistas, superando a tradição da história erudita e exemplar em favor de uma ciência racional e específica: a ciência da história” (FALCON 2002, p. 27). Para José Carlos Reis, a tese básica do historicismo é a

de que há uma diferença fundamental entre os fenômenos naturais e históricos, o que exige uma diferença de métodos de abordagem. A natureza é a cena do eterno retorno, dos fenômenos sem consciência e sem propósito; a história inclui atos únicos e irrepetíveis, feitos com vontade e intenção. O mundo humano é incessante fluxo, embora haja alguns centros de estabilidade – personalidades, instituições, nações, épocas – cada uma possuindo uma estrutura interna, um caráter, embora em constante mudança de acordo com os seus princípios internos de mudança. Ele dá ênfase à individualidade, ao gênio, que é uma individualidade mais expressiva (REIS 2003, p. 10-11).

131

Seria, entretanto, enganoso pensar que o historicismo rejeitava, *in totum*, qualquer elemento ordenador do devir humano. A atividade historiadora, o passado como individualidade e o devir como princípio da vida humana refundaram a noção de evolução histórica, cara ao racionalismo iluminista, não mais agora situada num *a priori*, mas imersa na própria transformação interna de um estado a outro. Não mais a evolução reveladora do progresso, mas aquela que descortina a mudança histórica (REIS 2003, p. 18). A relatividade e a unicidade dos fenômenos históricos não escaparam à preocupada reflexão de Dilthey, que via no historicismo o sintoma de um tempo de grandes transformações, em que todas as coisas pareciam relativas e instáveis.

¹ A diversidade de usos e de apropriações da noção de historicismo tem produzido um intenso debate no campo historiográfico. Damos, neste aspecto, razão a Sérgio da Mata quando este afirma que “não existe qualquer definição consensual do que é, ou do que seria, ou do que foi o historicismo” (MATA 2008). De um modo geral, tomamos o historicismo como a forma de pensamento histórico que postula a história como ciência a partir da consideração da historicidade de todos os fenômenos e do seu caráter dinâmico e mutável.

Uma contradição aparentemente insolúvel surge quando o sentimento da história é levado às suas últimas consequências. A finitude de todo fenômeno histórico, seja uma religião, um ideal ou um sistema filosófico, e, por conseguinte, a relatividade de toda interpretação humana da relação das coisas é a última palavra da concepção histórica deste mundo, onde tudo flui, onde nada é estável. Em face disso ergue-se a necessidade que o pensamento tem de um conhecimento universalmente válido e os esforços que a filosofia faz para chegar até ele. A concepção do mundo histórica (*Weltanschauung*) libera o espírito humano da última cadeia que as ciências da natureza e a filosofia não quebraram, mas onde encontrar os meios para superar a anarquia das convicções que ameaça se difundir? (DILTHEY 1947a, p. 15).

A legitimação da história como portadora de inteligibilidade própria ampliou a percepção da historicidade e da individualidade de todos os fenômenos. Se os homens não agiam em função de leis a-históricas e globais, seus atos, pensamentos, tensões e sentimentos não poderiam ser mais ser ignorados. Esse debate, que adentraria o século XX, reunia pensadores de diversas filiações intelectuais e mesmo políticas. Subsistia, entretanto, a convicção comum de que o mundo histórico não era ordenado por algum princípio universal e acima dos indivíduos. O passado seria composto por eventos multiformes resultantes de esforços e ações individuais, e ao historiador caberia a tarefa de recuperar tais eventos sem recorrer a esquemas impessoais que procurassem explicar, de forma totalizante, os fenômenos individualizados da história.

132

A tensão entre a inevitável formatação da narrativa biográfica e a busca pela verdade foi objeto do exame crítico de diversos escritores e biógrafos, como André Maurois (1885-1967), Emil Ludwig (1881-1948) e Lytton Strachey (1880-1932), preocupados com o que consideravam a incapacidade do modelo tradicional da biografia de dar conta das relações humanas que marcavam a modernidade, uma vez que ainda se prendia a uma abordagem panegírica e pouco crítica dos personagens, enfocados quase que exclusivamente a partir da possibilidade de oferecer exemplos educativos às gerações vindouras. Ao se remeter a *Elizabeth and Essex*, biografia da soberana inglesa escrita por Lytton Strachey, Virgínia Woolf diagnosticou a impossibilidade da escrita biográfica de conciliar os fatos e a sua marca ficcional:

A biografia impõe certas condições, e estas implicam que ela deve se fundar nos fatos. E, por fatos, entendemos fatos que podem ser controlados por outras pessoas além do artista. Se o biógrafo inventa fatos como os inventa um artista – fatos que nenhuma outra pessoa pode controlar – e tenta combiná-los com fatos de outro tipo, eles se destroem reciprocamente.

[...] Uma vez que o personagem inventado vive num mundo livre onde os fatos são controlados por uma única pessoa – o próprio artista –, sua autenticidade reside na verdade de sua visão. O mundo criado por essa visão é mais raro, mais intenso, inteiriço em relação ao mundo que é em grande parte feito de informações autênticas fornecidas por outros. Por causa dessa diferença, os dois tipos de fatos não se misturam; se eles se tocam, se destroem. Ninguém, parece ser a conclusão, pode obter o melhor dos dois mundos (*apud* LORIGA 2011, p. 32).

A sensibilidade de Woolf parece ter captado bem os dilemas que envolviam a escrita biográfica: o estatuto da verdade e os limites da imaginação ficcional,

problemas que atravessaram o século XX e que confluem para aquilo que François Dosse (2009, p. 408) qualificou como sendo a marca característica da biografia histórica, ou seja, o seu caráter híbrido, mescla de exigências documentais aspirantes à verdade e da natureza narrativa da exposição das ações, emoções e sentimentos de um indivíduo.

No século XIX, a afirmação do nacionalismo e do povo como categoria histórica e sujeito social revestiu a biografia de traços elitistas. Não é sob outro aspecto que Michelet exalta o heroísmo coletivo em contradição com as ações dos grandes homens, assemelhadas aos “pretensos deuses, gigantes e titãs que só enganam quanto a seu tamanho içando-se por fraude sobre os ombros dóceis do bom gigante, o Povo” (*apud* LORIGA 2011, p. 36). Os particularismos só poderiam ser explicados à luz do destino coletivo nacional, simbolizado pelo povo. O olhar sobre a história não poderia, portanto, ser microscópico. A subsunção dos indivíduos ao curso racional dos acontecimentos – recorrentemente associado à noção de progresso – deixava um reduzido espaço para a consideração das ações e feitos particulares dos homens. Nesta modulação da escrita biográfica, os acontecimentos do mundo eram integrados num *telos* que organizava o devir humano e eclipsava os atores singulares. Nessa ótica, os sujeitos individuais eram compreendidos como instrumentos da razão histórica, ainda que pudessem não ter consciência desse plano superior. Agiam, nesse sentido, sob o necessário efeito da ordem teleológica, que realizava os fins da humanidade acima dos acontecimentos, paixões e utopias.

Uma saída pouco frutífera foi a tentativa de construção da noção de homem médio, capaz de operar a síntese mecânica entre o coletivo e o particular, entre o geral e o específico. Nessa formatação de uma entidade individual mediadora dos elementos sociais, as particularidades e diferenças foram afastadas. De acordo com Adolphe Quételet, em 1830:

Devemos, antes de tudo, perder de vista o homem tomado isoladamente, e considerá-lo unicamente como uma fração da espécie. Despojando-o de sua individualidade, eliminaremos tudo o que é apenas accidental; e as particularidades individuais que têm pouca ou nenhuma ação sobre a massa se apagarão por si mesmas e permitirão apreender os resultados gerais (*apud* LORIGA 2011, p. 39).

As críticas dirigidas ao gênero biográfico, por uma significativa parte da intelectualidade do século XIX, constituem uma questão a ser problematizada. Por outro lado, importantes historiadores recolocaram o problema do indivíduo em sua relação com a história como tema principal de reflexão. Em Carlyle, por exemplo, o processo histórico ganhou feições inteligíveis na medida em que conseguimos perceber a ação daqueles indivíduos capazes de sintetizar o devir caótico e imprevisível. Podemos ainda encontrar notáveis escritos sobre o papel dos indivíduos na história em autores tão diversos como Humboldt, Droysen ou Burckhardt. A variedade de perspectivas encontrada nesses historiadores não obscurece a importância que concederam às ações humanas no curso do tempo. O *topos* do “grande homem” alinhava-se, no caso brasileiro, ao projeto

de escrita da história nacional protagonizado pelo IHGB (OLIVEIRA 2010). A escolha, neste artigo, em tratar das formulações de Dilthey acerca da biografia se deve ao fato de que este autor foi quem mais longe levou a tentativa de fundar as ciências do espírito em torno de uma teoria das ações humanas. As questões por ele levantadas, as problemáticas suscitadas e as respostas oferecidas fornecem, sem dúvida, um panorama da questão biográfica que será, em larga medida, recuperado pelas querelas historiográficas do século XX.

História e biografia em Dilthey

Convém advertir, de início, que as reflexões de Dilthey sobre o gênero biográfico compõem um pensamento fragmentado, inacabado e pouco dado a sínteses mais elucidativas. Suas obras denotam um constante “caráter de pesquisa” (REIS 2003, p. 21) e se apresentam, aos seus leitores e críticos, como desafiadoras e, não raro, como desorganizadas. Possuem, por outro lado, estimulantes *insights* para os que procuram apreender os percursos da ciência histórica no século XIX e sua construção como campo específico de conhecimento a partir das conexões com a experiência vivida.

Nas intensas disputas epistemológicas e teóricas que atualizavam, no século XIX, os velhos embates entre filósofos e historiadores sobre o estatuto da história, a pena de Dilthey, em que pese sua clara filiação historicista, esteve a serviço da moldagem filosófica da reflexão historiográfica. Ao longo de sua obra multifacetada e complexa (IMAZ 1978, p. IX), a história surgiu como associada permanentemente à ideia de movimento, de mudança. Esse constante estado de transformação era obra de indivíduos compreensíveis apenas em relação com outros indivíduos. Se o mundo era histórico, se todas as formas eram historicamente constituídas, se não havia um princípio absoluto capaz de regular os acontecimentos, era nas ações e intenções do homem que o historiador deveria buscar o sentido do devir. Rejeitava-se, dessa forma, a possibilidade de a história possuir algum sentido oculto ou universal.

Para Dilthey, a vida individual não obedece a nenhum plano exterior, mas “revela o que há de mais conhecido e, ao mesmo tempo, o que há de mais obscuro e impenetrável” (REIS 2003, p. 23). Ele entendia o sujeito, em oposição ao sujeito kantiano, como atravessado por pulsões, contradições, vivências e experiências distintas. Era na sua “filosofia da vida” que residia o fundamento central das ciências do espírito, cujos métodos e princípios deveriam ser distintos dos das ciências naturais. Como filosofia da experiência, a “filosofia da vida” diltheyana focaliza o sujeito que pensa, sente e deseja, o que nos impele a compreender a vida por ela mesma ou como ela se apresenta (GONÇALVES 2011, p. 158). Elevada à compreensão filosófica, a vida, segundo Dilthey,

constitui o único, obscuro e espantável objeto de toda filosofia. Não o enigma do mundo, que constitui mais que uma metade objetiva desse obscuro novelo de problemas, mas o rosto da vida mesma, com seus olhos que miram o mundo ou o contemplam serena e imaginativamente, com sua boca sorridente ou que se contrai em um trejeito de dor (DILTHEY 1954, p. 81).

A consciência, em Dilthey, apenas prefigura uma riqueza interna mais densa e sua aparente conexão com a realidade encobre uma vivacidade psíquica altamente diversificada. Em franca crítica às posições de Kant, Hume e Locke, para os quais o sujeito cognoscente era meramente uma "seiva diluída de razão, concebida como única atividade do pensamento" (DILTHEY 1992, p. 149), Dilthey reivindica um sujeito composto por paixões, sentimentos e vontades.

Não há nada a fazer, não somos um aparelho que busca produzir prazer regularmente e impedir o desprazer, avaliando valores de prazeres uns em relação aos outros, e conduzindo assim as volições para a soma acessível do prazer. [...] A vida seria evidentemente racional, mesmo um exercício de cálculo. Mas não é assim [...] não buscamos evitar o desprazer, mas o exploramos até o fundo, meditamo-lo sombriamente, com misantropia; arrastados por obscuras pulsões, colocamos em jogo nossa felicidade, nossa saúde e nossa vida para satisfazer nossas antipatias, sem levar em conta o ganho de prazer (DILTHEY *apud* LORIGA 2011, p. 125).

É esse homem concreto que é tomado por Dilthey como fio condutor de toda sua explanação sobre as ciências humanas. O indivíduo é apreendido, em sua íntegra, como uma totalidade psicofísica, feita de representação, de desejo e de vontade. Há uma distinção entre o eu e o mundo. Se a realidade pode ser representada, ela continua sendo um dado insuperável. Segundo Dilthey:

A unidade de vida é uma conexão de efeitos privilegiada em relação ao nexos da natureza pelo fato de ser vivenciada. Suas partes atuantes, porém, não podem ser medidas segundo a sua intensidade, mas apenas avaliadas. Sua individualidade não é destacável do elemento humano-comunitário, de modo que a humanidade só se mostra como um tipo indeterminado. Por isso, todo estado particular na vida psíquica é uma nova posição da unidade de vida total, uma ligação de sua totalidade com as coisas e os homens. Nesse sentido, na medida em que toda manifestação da vida que parta de uma comunidade ou pertença a uma conexão de efeitos de um sistema cultural é produto de unidades vitais que atuam conjuntamente, os componentes desse construto composto possuem um caráter correspondente. Por mais intensamente que todo processo psíquico pertencente a essa totalidade possa ser determinado pela intenção da conexão de efeitos, esse processo nunca é determinado exclusivamente por essa intenção. O indivíduo, no qual ele se realiza, intervém como unidade de vida na conexão de efeitos; em sua manifestação, ele é atuante como totalidade (DILTHEY 2010, p. 126).

O movimento do real é, na concepção diltheyana, resistência ao indivíduo, freagem da intenção e condição inelutável da experiência humana. É no jogo com o mundo exterior que o indivíduo define sua marca primordial: a incessante relação com o outro. Os sujeitos individuais se vinculam a outros sujeitos e às experiências históricas por meio de nexos efetivos, cujos sentidos definem o mundo histórico.

Uma riqueza vital infinita desdobra-se na existência singular das pessoas por força de suas ligações com o seu meio, com os outros homens e com as coisas. Todavia, cada indivíduo é ao mesmo tempo um ponto de cruzamento de conexões que atravessam os indivíduos, que subsistem neles, mas que se estendem para além de suas vidas e que possuem, por meio do conteúdo, do valor e da finalidade que neles se realiza, uma existência autônoma e um desenvolvimento próprio (DILTHEY 2010, p. 94).

Delimita-se, nesse sentido, um aspecto essencial no historicismo de Dilthey: o papel da compreensão empática. Demarcado por relações, o homem apenas conseguirá compreender a história se estiver preparado para escapar da sua suposta autossuficiência. Os processos psíquicos se forjam no contato com o outro, no contato com a história. O movimento, o devir e a mudança não impõem, por outro lado, o não reconhecimento de permanências e continuidades. A interioridade se expande, alarga-se ao contato com o mundo histórico, mas se reconhece como ela mesma em seu passado.

Bem ao contrário, encontro uma continuidade em minha vida desperta. Os processos estão imbricados de tal forma que há sempre algo de presente à minha consciência. Assim, um viajante que avança a bom passo vê desaparecer atrás dele objetos que, pouco antes, estavam diante dele, ao lado dele; outros surgem a seus olhos, mas a continuidade da paisagem não subsiste mais (DILTHEY 1947a, p. 206).

Em relação permanente com os outros indivíduos e com o mundo que o cerca, o homem, contudo, não se reduz a tais estímulos. Em sua vida psíquica, faz de si mesmo o seu centro, produz valores, controla emoções e tensões. Ele é “fruto da coexistência, no espaço e no tempo, de diferentes conjuntos interativos: os grupos, as comunidades, as instituições, frequentemente em competição ou conflito entre si” (LORIGA 2011, p. 134). Essa intensidade interior é o elemento central da proposta diltheyana de uma psicologia descritiva e analítica em oposição às teorias “da alma sem alma”, que compunham o comportamento humano a partir de elementos dados e em múltiplas partes. A psicologia, de acordo com Dilthey, era a mais elementar das ciências do espírito. Por outro lado, ela não teria eficácia na compreensão da vida se continuasse a se radicar nos procedimentos da psicologia explicativa, que teimava em submeter os fatos do espírito a suposições hipotético-dedutivas. A decifração das ações e sentimentos do homem só poderia se dar nas suas próprias relações com outros homens e nas suas experiências com o mundo. Dilthey “reiterava, assim, a conexão entre o geral e a individuação a fundamentar concepções e métodos da psicologia descritiva e, por extensão, das próprias ciências do espírito” (GONÇALVES 2010, p. 160). O filósofo apontava, em 1910:

No curso da vida, cada experiência vivida particular é remetida a uma totalidade. Esse conjunto vital não é uma soma ou uma adição em momentos sucessivos, mas é uma unidade constituída por relações que religam todos os elementos. A partir do presente, percorremos de maneira regressiva uma série de lembranças até o ponto em que nosso pequeno eu ainda não fixado e formado se perde nos limbos, e a partir desse presente lançamo-nos em direção a possíveis inscritos nele e que tomam dimensões vagas e longínquas (*apud* LORIGA 2011, p. 132).

A historicidade do mundo e das criações humanas escapa ao simples ato consciente dos indivíduos e conforma um campo mais alargado do que o mero espaço biográfico. Abre-se, aqui, uma brecha para a reflexão sobre a temporalidade no pensamento de Dilthey. As múltiplas possibilidades de vida em relação à memória projetam a imaginação para além do que podemos viver no instante. “O presente não é jamais; o que vivemos no imediato como presente encerra sempre em si a lembrança do que era justamente presente”, escrevia Dilthey (*apud* LORIGA 2011, p. 137), o que pressupõe que o presente

não pode ser visto como um corte temporal fechado, centrado em si mesmo e esgotado, mas como portador de uma flexibilidade que enuncia o vivido e o porvir. As ações dos homens são fundadas na duração e se nutrem de visões do passado e de antecipações do futuro.

A experiência do passado, plenamente assimilada, se incorpora e se fixa como um elemento plástico e influi sobre os atos do presente. Porém, além disso, ao homem se coloca viver em uma época determinada que é, em seu turno, sobras de outras épocas e que oferece uma paisagem cultural em mínima parte criado por ela e em máximo herdado de épocas pretéritas. A figura espiritual mutante de uma época imprime seu selo sobre o homem e lhe impõe todo um repertório de ideias, crenças, gestos, preferências etc. Ao assimilar essa herança espiritual, não sem modificá-la, o homem conquista a altura cultural de seu tempo e desde ali se percebe a si mesmo como ser histórico (DILTHEY 1944, p. 23).

A pluralidade de experiências, a não redução do mundo a uma substância e a mistura pouco estável de vivências, aspirações e desejos tornavam o tempo histórico nem uma trajetória retilínea nem um fluxo homogêneo. É assim que Dilthey pôde afirmar que o século XVIII era atravessado por movimentos de renovação e de permanências, resultantes das tendências da própria vida.

Mas essa conexão, uma que a corrente dominante do Esclarecimento alemão expressa nos âmbitos mais variados da vida, não determina todos os homens que pertencem a essa época; e, mesmo onde ela ganha influência, outras forças produzem, com frequência, efeitos diversos. As resistências da época precedentes fazem-se valer. Particularmente eficazes são as forças que se ligam às condições e às ideias anteriores, mas que buscam lhe dar uma nova forma (DILTHEY 2010, p. 157).

137

Se a história é a realização cultural do mundo da criação humana, é compreensível a alta conta que Dilthey concedia ao gênero biográfico. Revestia o estudo de trajetórias individuais de traços filosóficos e compreendia que qualquer vida poderia ser contada desde que se considerasse o ser humano em uma perspectiva totalizante, pois "toda vida tem seu sentido próprio: ele reside na conexão significativa no seio da qual cada momento evocado possui seu próprio valor e tem também [...] uma relação com o sentido da totalidade" (DILTHEY *apud* LORIGA 2011, p. 41). Cada elemento particular da existência só se torna significativo em contato com a totalidade. Um amplo conjunto de fatos não é, por si, suficiente para revelar uma vida, pois, fora de relações mais gerais, não adquire qualquer sentido. É igualmente falacioso, por outro lado, submeter o indivíduo, de forma mecânica, aos agrupamentos nos quais se insere, "pois a vida de um homem está tão entrelaçada com os destinos de muitos outros que um dia ele os vê subitamente com uma força visionária em face dele para, em geral, voltar a perdê-los no tumulto do mundo" (DILTHEY *apud* LORIGA 2011, p. 143). O homem não pode ser isolado do seu mundo histórico, mas sua psicologia faz com que reaja a ele, veja-o escapar, se perca dos outros homens.

Dilthey dedicou grande parte dos seus textos à tentativa de sistematizar os princípios e preceitos de um campo de conhecimento que tratasse da unidade humana em sua experiência interna. Criou uma psicologia descritiva e analítica que analisava e descrevia a experiência ao invés de propor uma simples mimesis dos métodos das ciências naturais. Em seus últimos escritos, Dilthey passou a defender que era a partir da expressão vital que se poderia atingir o conhecimento de um

estado psíquico em seus movimentos globais, revivendo-o. É na fundamentação hermenêutica que residia o projeto diltheyano de compreensão do outro, de percepção dos seus estados de alma. Mesmo que essa compreensão não fosse imediata, ela seria possível pela apreensão de algumas manifestações exteriores, como gestos, sons e ações. É através dessa exteriorização que a vida se abriria à compreensão. Dentre os produtos visíveis, Dilthey situava em um grau superior a literatura, pois “somente na língua a interioridade do homem chega a uma expressão completa, exaustiva e objetivamente compreensível. É por isso que a arte de compreender tem seu tempo na interpretação dos traços de existência humana contidos no escrito” (*apud* LORIGA 2011, p. 150).

Não há como não se espantar com certas formulações de Dilthey sobre a biografia e tampouco deixar de questionar alguns de seus pressupostos. Para ele, o empreendimento biográfico situava-se, por princípio, dentro da atividade científica. São suas palavras:

É possível tomar a biografia como uma solução universalmente válida de uma tarefa científica? Suponho que sim: o objeto da história é dado na quintessência da objetivação da vida. Na conexão da natureza, as manifestações da vida do espírito que vão desde os gestos rapidamente desvanecidos e as palavras fugidias até as obras poéticas imperecíveis estão acomodadas sobre a ordem que entregamos à natureza e a nós mesmos, às ordens judiciais e às constituições sob as quais vivemos. Elas formam a realidade efetiva exterior do espírito. Os principais documentos, sobre os quais uma biografia repousa, consistem nos resíduos que sobraram como expressão e efeito de uma personalidade. Entre eles, assumem uma posição própria as cartas dessa pessoa e os relatos dela (DILTHEY 2010, p. 239-240).

138

A tarefa do historiador-biógrafo estava envolvida, portanto, pelos padrões de cientificidade oitocentista que postulavam, entre outros elementos, o primado da fundamentação metódico-documental, capaz de fornecer as conexões de efeitos nas quais “o indivíduo é determinado pelo seu meio e reage a ele” (DILTHEY 2010, p. 240). A biografia deveria proceder ao exame criterioso das influências dos elementos externos ao indivíduo e de como ele se situaria diante desses influxos. A análise, pois, “deve, se quer compreender o particular, se esforçar por apreender suas relações com o geral” (DILTHEY 1947a, p. 233). É nesse ponto que surge o que Sabina Loriga qualificou como “dúvidas irritantes sobre o valor científico da biografia” (LORIGA 2011, p. 151): se o indivíduo é foco de convergência entre diversos espaços de relações sociais, como apreender, através dele, a totalidade? Dilthey não incorreria, assim, em uma formatação do conhecimento biográfico em camadas circulares, nas quais o todo e as partes se misturam e configuram a vida em conjunto? Seria possível, diante dessa circularidade epistemológica, apreender uma vida?

Tais limites não fugiram das especulações de Dilthey. Ainda que não tivesse dúvidas a respeito da viabilidade da biografia para compreender a constituição da história como manifestação do agir humano, não hesitou em ponderar diversas de suas limitações:

[...] movimentos genéricos atravessam o indivíduo como seu ponto de interseção; precisamos buscar novas bases para a compreensão desses movimentos, bases que não estão postas no indivíduo para tal compreensão. A biografia não contém por si a possibilidade de se configurar como obra de arte científica. *Trata-se de novas categorias, figuras e formas da vida, para as quais precisamos nos voltar e que não despontam*

na vida singular. O indivíduo é apenas o ponto de entrecruzamento de sistemas culturais, organizações, nas quais a sua existência está entretida: como é que elas poderiam ser compreendidas a partir dele? (DILTHEY 2010, p. 246, grifos no original).

O desejo de compreender o sentido dos acontecimentos históricos em sua plenitude parecia a Dilthey uma ilusão não menos potente que “o sonho do filósofo da natureza que pensava, graças à alquimia, arrancar à natureza sua última palavra” (DILTHEY 1947a, p. 428). O alcance do relato produzido pelo biógrafo se revelaria, em algum momento, perturbador e incompleto, pois “a possibilidade de dilatar o próprio eu, de acolher outras experiências de vida, não é infinita” (LORIGA 2011, p. 151). Mas a aposta de Dilthey não se rendia a esse dilema: a biografia era aproximada, inclusive, da obra de arte, pois o artista seria um ser impregnado pela vida. O trabalho do artista, contrariamente ao que postulava Proust, não seria a manifestação de um eu mais profundo, de uma substância individual mais reclusa. Para Dilthey, “é somente na medida em que um elemento psíquico, ou uma combinação de tais elementos, está em relação com um acontecimento vivido, e com a representação deste, que ele pode ser elemento constitutivo da poesia” (DILTHEY 1947a, p. 278). O trabalho do artista, como o do biógrafo, repousaria na energia com que vive e experimenta o mundo.

O historicismo do século XIX enfrentou o desafio de dotar o conhecimento histórico de um estatuto científico e autônomo. Para tal, impôs-se, entre outras tarefas, a exigência de superar a metafísica hegeliana que enxergava na história a manifestação do espírito universal, entidade transcendental que abarcaria as ações humanas. Para Dilthey, a história é, ao contrário, individualização. A realidade do mundo histórico deve ser compreendida como manifestação de intenções individuais e não de uma teleologia metafísica. E o papel da biografia só se configura a partir dessa visão do devir histórico: restituir a vida de um indivíduo é a chave de acesso à história, pois “é só no indivíduo que podemos conhecer a realidade em seu sentido pleno, pois só ele pode vê-la do interior e revivê-la. Só o indivíduo pode ‘expressar’ e ‘objetivar’, dar forma histórica, exterior e temporal, ao mundo do espírito, que é interno, invisível” (REIS 2003, p. 137). No mundo histórico e criativo, o sujeito individual é, ao mesmo tempo, singularidade e entrecruzamento de ramificações que formam um conjunto necessário e significativo.

É na compreensão da realidade histórica em sua singularidade que reside o propósito fundamental das ciências humanas. O indivíduo é a porta de entrada para esse ato de compreender. Ele é, simultaneamente, um feixe de pulsões, paixões, sentimentos e tensões e parte de um mundo que lhe é natural e exterior. É nesse sentido que Dilthey fala em conhecimento objetivo das ciências humanas.

As ciências humanas têm a objetivação da vida como o seu dado abrangente. Todavia, na medida em que a objetivação da vida se torna para nós algo compreendido, ela contém, enquanto tal, a todo instante, a relação do exterior com o interior. Assim, essa objetivação sempre relacionada na compreensão com o vivenciar, no qual a unidade da vida revela para si o seu conteúdo próprio, permite a todos os outros interpretá-lo. Se os dados das ciências humanas estão contidos aí, então se mostra ao mesmo tempo para nós que é necessário abstrair tudo aquilo que é fixo, tudo aquilo que é estranho, tal como é próprio às imagens do mundo físico, do conceito daquilo que é dado

nesse âmbito. Todo dado aqui é produzido, ou seja, histórico; ele é conhecido porque é compreendido, isto é, ele contém algo comum em si; ele é conhecido porque é compreendido, e ele contém um agrupamento do múltiplo em si, uma vez que a interpretação da manifestação da vida na compreensão mais elevada já se baseia em um agrupamento. Com isso, o procedimento de classificação da vida também está estabelecido nos dados das ciências humanas (DILTHEY 2010, p. 111).

A individuação forma o espaço de articulação entre o singular e o geral. A biografia, além de promover esse entrelaçamento, é também “a unidade natural que nos é dada para avaliarmos de maneira concreta a história dos movimentos espirituais” (DILTHEY 1947a, p. 42). É no gênero biográfico que se efetiva a aposta diltheyana de conhecimento do mundo histórico, pois “a relação com o mundo vital se efetua graças à mediação de personagens e à evocação de sua existência individual” (DOSSE 2009, p. 341). Cristaliza-se, nesse aspecto, a pertinência da biografia, segundo o próprio Dilthey:

Como poderíamos negar, então, que a biografia possui um significado eminente para a compreensão da grande conexão do mundo histórico! Afinal, é justamente a relação entre as profundezas da natureza humana e a conexão universal da vida histórica difundida que é efetiva em cada ponto da história. Aqui se encontram a conexão original entre a própria vida e a história (DILTHEY 2010, p. 241).

140

A compreensão empática é, portanto, o horizonte de toda pesquisa biográfica. O estudioso não pode renunciar à tarefa de buscar apreender a vida psíquica em sua totalidade, em seus nexos internos e em suas aberturas ao mundo exterior. Neste ato, a imaginação é reivindicada no nosso contato com o outro. A escrita biográfica constitui-se no domínio pelo qual os atos do passado podem ser revividos no presente. Esta noção de “revivência” é central na hermenêutica diltheyana, pois tornar os homens “vivos” na trama histórica é o elemento que funda a possibilidade mesma de compreensão e da interpretação dos vestígios humanos no tempo. Os que estão acostumados a localizar no pensamento histórico do século XIX a fortaleza do positivismo factualista não podem deixar de se impressionar ao ler em Dilthey extensas referências à imaginação e à empatia como recursos da escrita biográfica. Seguir uma outra vida é admitir sua alteridade, registrar um espaço que é, simultaneamente, próximo e estranho ao biógrafo. O outro como objeto de conhecimento não ignora o outro como objeto de desejo. A representação do biógrafo não é uma reconstrução total, “mas uma acentuação dos traços dominantes” (REIS 2003, p. 211). Em Dilthey, ao contrário de um positivismo mais estreito, é na imbricação subjetiva entre biógrafo e biografado que o conhecimento se torna possível. Se a história não se distancia da vida e a vida só se torna apreensível pela ação dos indivíduos que concentram em si as interações entre o mundo natural e o mundo do espírito, no tocante à relação entre o biógrafo e o seu personagem, segundo Dilthey, “a via de acesso que melhor lhe convém é a mais subjetiva, pois a possibilidade maior de captar o que ele tem de vigoroso reside na experiência de sua influência sobre nós mesmos, na dependência contínua da nossa realidade viva para com ele” (DILTHEY 1947a, p. 282).

Breves considerações finais

As experiências biográficas da segunda metade do século XX recolocaram o indivíduo no palco central das reflexões historiadoras, após um longo período de submissão às categorias abrangentes de classe social, mentalidade, ou estrutura. Muitas são as questões e problemáticas concernentes a essa retomada. O que significa, nessa nova configuração intelectual que problematiza os grandes modelos globais que dominavam as ciências humanas, escrever uma biografia? Modelização da experiência para alcançar lições gerais, segundo a fórmula da *historia magistra vitae*?² Via de acesso para o entendimento das estruturas de uma determinada formação social?³ A possibilidade de análise de uma trajetória singular, não redutível, mecanicamente, a um quadro geral? Ou uma ilusão, que assegura uma falsa coerência da experiência individual?⁴ Num plano epistemológico mais geral, podemos considerar a biografia como uma modalidade de escrita da história? (AVELAR 2010, p. 157-172).

Ao situar a biografia no centro de sua epistemologia das ciências humanas, Dilthey trouxe para o primeiro plano um gênero que, ao longo do século XIX, dividiu opiniões entre literatos, intelectuais e historiadores. Entre as acusações mais duras dirigidas ao texto biográfico, poderíamos assinalar: narrativa menor; repositório de recomendações morais; palco de devaneios subjetivos dos biógrafos. A aposta diltheyana na escrita biográfica era, certamente, arriscada. Ela nos ajuda a perceber a tensão entre o indivíduo e os sistemas normativos, a ambiguidade entre particularidade e totalidade. Essa vertigem, postulava Dilthey, era o estímulo para a elaboração de uma filosofia da vida, cuja compreensão hermenêutica materializaria uma forma particular de acesso ao mundo histórico através da revivência dos homens do passado na narrativa biográfica.

O pensamento de Dilthey não se isolou de dúvidas e incertezas. Ao mesmo tempo em que defendia que o indivíduo era o caminho para a compreensão histórica, rebatia qualquer relação fatalista ou mecanicista entre estes polos. A hermenêutica da vida se funda na circulação entre as partes e o todo, na interação entre individualidade e impactos externos e nas diferentes presenças humanas. A história passou a ser compreendida como elemento de formação (no sentido alemão de *Bildung*) de cada indivíduo. Seu projeto de construção das ciências do espírito nos convida a considerar a escrita biográfica como escrita da diferença, sem abdicar do seu caráter relacional. Segundo Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral, para Dilthey,

é na vida da história que se torna possível apreender o relativo a partir do universal e este a partir dos casos particulares e concretos, tentando assim elevar essas relações assim nascidas a um nível de consciência cada vez mais trabalhado e aprofundado. Esse parece ser o objetivo das ciências do espírito, isto é, elevar a um nível de consciência historiográfica o que o homem vivenciou, singular e concretamente (AMARAL 1987, p. 18-19).

² Para Plutarco, a biografia tinha sua legitimidade assegurada pela possibilidade de fornecer exemplos gerais por trás da desordem dos destinos individuais. São suas palavras: "se nós não relatamos todos os fatos célebres, não indo a fundo, ou talvez abreviando a maior parte deles, que o leitor não nos faça um mau juízo. Pois, de um lado, não são histórias que nós escrevemos, mas vidas; de outro lado, não é de nenhum modo nas ações mais célebres que se mostra uma virtude ou um vício, pois frequentemente um fato diminuto, uma palavra, um gracejo manifestam mais o caráter do que combates mortíferos, grandes batalhas ou cercos. Então, como os pintores apreendem as semelhanças a partir da fisionomia e das formas visíveis, pelas quais se deixa ver o caráter, do mesmo modo, deve nos ser permitido penetrar preferencialmente nos sinais da alma e, por ser seu intérprete, desenhar a vida de cada um" (*apud* REVEL 2010).

³ Ver, entre outros trabalhos, FEBVRE 2009; LE GOFF 1999.

⁴ Ver BOURDIEU 1996.

Os indivíduos vivem a história de formas distintas, apontava Dilthey. O risco inerente da lógica do pertencimento (que encerra o indivíduo em categorias sociais rígidas, ignorando sua experiência) foi um perigo para o qual sempre esteve alerta, antecipando, dessa forma, o tema da "ilusão biográfica", tão em voga nos debates da segunda metade do século XX. Sua distinção entre identidade (que nos força ao pertencimento) e mesmidade (a experiência mais profunda que o homem produz de si mesmo) permanece ainda como uma questão pouco investigada. Suas sugestivas e impactantes alusões sobre a relação entre individualidade e conhecimento do passado ainda repercutem, ainda que pouco referenciadas,⁵ entre todos aqueles que, nos dias de hoje, continuam realizando a aposta biográfica.

Referências bibliográficas

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Dilthey**: um conceito de vida e uma pedagogia. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1987.

ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico**: dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, 2010, p. 157-172.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução de Marcos Casanova. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

_____. **Introduction aux sciences d'esprit et autres textes**. Paris: Editions du Cerf, 1992.

_____. **La esencia de la filosofía**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1944.

_____. **Le monde de l'esprit**. Paris: Aubier, 1947a.

_____. **Leibniz e sua época**. São Paulo: Saraiva Editores, 1947b.

_____. **Literatura y fantasia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.

_____. **Teoría de la concepción del mundo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

_____. **Vida y poesía**. México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

⁵ Deve-se mencionar, entretanto, a grande influência que os conceitos e concepções historicistas de Dilthey exerceram sobre Octávio Tarquínio de Sousa, biógrafo-historiador que teve, entre 1930-1950, como grande projeto intelectual a escrita de uma *História dos fundadores do Império no Brasil*. Ver GONÇALVES 2009.

- FALCON, Francisco José Calazans. Historicismo: antigas e novas questões. **Revista de história da UFG**, nº 7, v. 1, jan/dez. 2002, p. 23-54.
- FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GADAMER, Hans George. Extensão e limites da obra de Wilhelm Dilthey. In: FRUNCHON, Pierre (org.). **O problema da consciência histórica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 27-38.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. Aprender com o outro? Lições do mundo histórico nas biografias de Octávio Tarquínio de Sousa. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de. **Aprender com a história**: o passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 149-170.
- _____. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- IMAZ, Eugenio. **El pensamiento de Dilthey**: evolución y sistema. México: Fondo de Cultura Económica, 1946.
- IMAZ, Eugenio. Prologo del traductor. In: DILTHEY, Wilhelm. **El mundo histórico**. México: Fondo de Cultura Económica, 1978, p. IX-XXVIII.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **São Luís**: biografia. São Paulo: Record, 1999.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. In: ARAUJO, Valdei Lopes de et alii. **A dinâmica do historicismo**: revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, p. 15-48.
- MATA, Sérgio da. Elogio ao historicismo. In: ARAUJO, Valdei Lopes de et alii. **A dinâmica do historicismo**: revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, p. 49-62.
- MEINECKE, Friedrich. **El historicismo y su genesis**. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.
- REIS, José Carlos. **Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais**. Londrina: Eduel, 2003.
- REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: _____. **História e historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Editora da UFPR, 2010, p. 235-248.
- SCHWOB, Marcel. **Vidas imaginárias**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. **História da historiografia**. Ouro Preto, nº 6, março/2011, p. 42-63.